A : AGVIA :
ORGÃO : DA RENASCENÇA : PORTUGUESA :
1
100 rs.

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Director literário — *Dr. Teixeira de Pascoais*
Director artístico — *António Carneiro*
Director scientífico — *Dr. José de Magalhães*
Secretário da redacção, editor e administrador — *Álvaro Pinto.*

Correspondentes:

Paris — Philéas Lebesgue.
Salamanca — Miguel de Unamuno.

PROPRIEDADE DE "A RENASCENÇA PORTUGUESA„

SUMÁRIO DO N.º 1 — Janeiro de 1912.

PREÇOS *(Pagamento adeantado)*

	Por n.º	Semestre	Ano
Portugal	100 rs.	500 réis	1$000 réis
Espanha	60 ct.	6 pesetas	12 pesetas
Estrangeiro	60 ct.	6 francos	12 francos
Brasil	300 rs.	3$000 réis	6$000 réis

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância).

DEPOSITÁRIOS — No Pôrto — Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa — Livraria Ferreira, Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos.

Redacção e administração — R. da Alegria, 218, Pôrto.
Tipografia — Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27.

Toda a correspondênica deve ser dirigida ao secretário da redacção.

A ÁGUIA Revista mensal, órgão de "A Renascença Portuguesa„ Director literário, dr. Teixeira de Pascoais; directôr artístico, António Carneiro; director scientífico, dr. José de Magalhães; secretário da redacção, Álvaro Pinto – Redacção e administração, rua da Alegria 218, Pôrto – Tipografia Costa Carregal, tr. Passos Manuel 27, Pôrto – Gravuras de Cristiano de Carvalho, Cedofeita, 95-1.º, Pôrto.

LITERATURA

RENASCENÇA

Neste momento genesico e cahotico da nossa Patria, é necessario que todas as forças reconstructivas se organisem e trabalhem, para que ela atinja rapidamente a sonhada e desejada harmonia.

O fim d'esta Revista, como orgão da "Renascença Portuguesa„ será, portanto, dar *um sentido* ás energias intelectuaes que a nossa Raça possue; isto é, colocá-las em condições de se tornarem fecundas, de puderem realisar o ideal que, n'este momento historico, abrasa todas as almas sinceramente portuguesas:—Crear um novo Portugal, ou melhor resuscitar a Patria Portuguesa, arrancá-la do tumulo onde a sepultaram alguns seculos de escuridade fisica e moral, em que os corpos definharam e as almas amorteceram.

Por isso, a *Sociedade* a que me referi, se intitula "Renascença Portuguesa„. Mas não imagine o leitor que a palavra Renascença significa simples regresso ao Passado. Não! Renascer é regressar ás fontes originarias da vida, mas para crear uma nova vida.

Renascer é dar a um antigo corpo uma nova alma fraterna, em harmonia com ele. O Passado é indestrutivel; é o abysmo, a treva onde o homem mergulha as raizes do seu sêr, para dar á nova luz do futuro a sua flôr espiritual.

A Patria Portuguesa viveu; atravessou depois alguns seculos de morte: por fim, n'uma alvorada heroica que fez erguer do sepulcro a sombra de Nun'Alvares, acordou do seu profundo somno, levantou-se n'um impeto sôfrego de vida; e, sob a instantanea luz que a deslumbrou, ei-la ofuscada e céga, tacteando, sem ver o caminho verdadeiro e a terra firme para os seus pés.

D'ahi a confusão cahotica presente.

E' preciso, portanto, chamar a nossa Raça desperta á sua propria realidade essencial, ao sentido da sua propria vida, para que ela saiba quem é e o que deseja. E então puderá realisar a sua obra de perfeição social, de amor e de justiça, e puderá gritar entre os Povos: *Renasci!*

Ora, esta obra sagrada compete ao espirito portugues, a todos os portugueses que encerrem no seu sêr uma parcela viva da alma da nossa Patria. Mas, porque toda a obra só póde ser realisada por

um certo numero de operarios congregados e harmonicos, ligados pelo mesmo sonho, impõe-se, por consequencia, mais uma vez o affirmamos, a união dos portugueses que vivam, além da sua vida egoista e individual, a vida mais vasta e profunda, porque é abstracta e transcendente, da Patria Portuguesa.

Por mais diferentes que sejam as nossas ideias, sob o ponto de vista religioso, filosofico ou artistico, puderemo-nos sempre entender, porque ha um logar em que todos os principios e todas as ideias fraternisam. E n'esse logar altissimo, que é para nós, n'este momento, a vida da Nacionalidade, devemos dar uns aos outros as mãos amigas e caminhar juntos para a realisação do sonho redemptor que ilumina as almas sinceramente portuguesas: a creação d'um novo Portugal, dentro do seu caracter, das suas qualidades intimas e originaes que lhe deem relevo e destaque, fisionomia propria entre os outros Povos.

Se não existisse uma *alma portuguesa*, teriamos de evolucinar conforme as almas estranhas, teriamos de nos fundir n'essa massa amórfa da Europa; mas a *alma portuguesa* existe, vem desde a origem da Nacionalidade; de mais longe ainda, da confusão de povos heterogeneos que, em tempos remotos, disputaram a posse da Iberia. Houve um momento em que, no meio d'essa confusão rumorosa e guerreira, se destacou uma voz proclamando um Povo, gritando a Alma d'uma Raça: foi a voz de Viriato; foi o Verbo creador que encarnou em Afonso Henriques e se tornou Acção e Victoria. Depois fez-se *Verbo* novamente, exaltou-se n'um sonho de imortalidade, e foi o Canto eterno dos Luziadas! Depois, cansado das longes terras, dos longes mares, como que adormeceu n'um somno de tristêsa, de olhos postos no Passado. . E sonhou... E n'esse momento, mais divino que humano, a alma portuguesa gerou nas suas entranhas penetradas por uma luz celeste, a *Saudade*, a nubelosa do futuro Canto imortal, o Verbo do novo mundo português. A Saudade é Viriato, Afonso Henriques e Camões desmaterialisados, reduzidos a um sentimento, postos em alma estréme. A Saudade é o proprio sangue espiritual da Raça; o seu estigma divino, o seu perfil eterno. Claro que é a saudade no seu sentido profundo, verdadeiro, essencial, isto é, o *sentimento-ideia*, *a emoção reflectida*, onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e ceu, atinge a sua unidade divina. Eis a Saudade vista na sua essencia religiosa, e não no seu aspecto superficial e anedotico de simples *gosto amargo de infelizes*.

É na Saudade *revelada* que existe a razão da nossa Renascença; n'ela resurgiremos, porque ela é a propria Renascença original e creadora.

Eu acredito na grandeza do momento actual, porque só agora é que a Raça portuguesa, representada pelos seus Poetas que são a sua florescencia, principia a sentir-se verdadeiramente revelada. Só agora ela sabe quem é; porque só agora a Saudade lhe falou, dizendo-lhe o seu antigo segredo...

E por tudo isto, Portugal não morrerá; nem uma Patria morre,

no instante em que encontra o seu espirito. Portugal não morrerá, e creará a sua nova Civilisação, porque vê que a sua alma é inconfundivel, que encerra em si um novo sentido da Vida, um novo Canto, um novo Verbo, e, portanto, uma nova Acção.

Sim: a alma portuguesa existe, e o seu perfil é eterno e original.

Revelê-mo-la agora a todos os portugueses, na sua maior parte afastados d'ela, pelas más influencias literarias, politicas e religiosas vindas do estrangeiro.

Revelêmo-la a todos os portugueses, para que todos comunguem o seu proprio espirito, e possam cumprir o destino que por natureza, nascimento e sangue lhes pertence.

E então um novo Portugal, mas *português*, surgirá á luz do dia, e a civilisação do mundo sentir-se-á mais dilatada.

Teixeira de Pascoaes

O VAGO

Ao Visconde de Villa-Moura

O Vago, o Vago é olor que, esparso, ondeia
Ao derredor do calix duma flôr;
O Vago, o Vago é a misteriosa teia
Que as mãos das sombras urdem ao sol-pôr...

O Vago é como o instinto de quem leia
Nuns olhos virgens a expressão do amor;
O Vago — em fluido harmonico tacteia,
Quando as cordas se cansam de compôr...

E' o silencio da noite a certas horas;
E' o orvalhado chôro das auroras
Na arvore que deixou cair os pômos...

E' não ter voz, fallar e ser a esphinge;
Ter olhos e não vêr o que nos cinge:
O Vago é o para alem do que nós sômos!

O CREPUSCULO

A Jaime Cortezão

Silencio... Outomno... Esphinges na agua... orando,
Pelo claustro da sombra a tarde oscila:
Já uma estrella, tremula, scintila,
E os rochedos são bruxos cogitando...

Cae bruma, e sonho... o mar, como que arfando,
Sobe e desce, profundo. Paz tranquila.
Calam a voz os sons: de não ouvi-la
Os echos adormecem a seu mando...

Ocaso em quebra-luz. Sagrando ritos,
A tarde ajoelha: silenciosa pratica...
Fluida, a penumbra esfuma o corpo aereo:

Oh! instante em que a luz reza «bemditos»...
A sombra unge o silencio... A terra é extáctica...
Deus vive em nós: escuta-nos... Misterio!

Mario Beirão

PALAVRAS ANTIPATICAS

IV.º ESTADO — O ESTADO ARTISTA

Pois que um conjuncto de circumstancias fez abater o poderio dos dois mais velhos estados — o do clero e o da nobreza, em favor do terceiro — o povo, e porque este, nimiamente embriagado pela victoria, ameaça derruir a mais bella resultante da jornada intellectual — a Arte, importa desde já prevenir o que se premedita, accentuar a heresia de tal faina, crear um novo Estado — o *Estado artista*, defendel-o, remediar a inconsciencia iconoclasta da estupidez desenfreada, remodelar, nas bases de uma aspiração de grandeza espiritual e Arte, a futura familia portugueza — a tão rebuscada Patria nova.

Nação alguma póde seleccionar como a nossa, obras de eleição, elementos para a constituição, garantia e fomento do referido estado.

Tradições, historia, monumentos, genio de emprehendimento, tara imaginativa, é tudo o que os paizes novos e designadamente os da America pretendem crear, levantar — e que a massa amorpha, o diamante bruto — o povo portuguez, quer inconscientemente inutilisar.

O povo analphabeto a governar uma nação tradicionalista, historica e artistica, como é Portugal, é um contrasenso, uma profanação (1). Artistas! defendei-vos.

Ha de surgir o odio aos museus. O filho do cavador ha de aspirar a comer no mais bello exemplar de faiança antiga.

A labuta radical ha de ir até onde a deixarem. A aspiração de um nivelamento proximo, senão immediato, ha-de pautar os maiores exaggeros — filhar derruimentos, declivar até a furia iconoclasta.

Não nos illudamos.

A Arte é um producto aristocratico. Obra do menor numero e para o menor numero.

Assim tambem em geral a civilisação. Neste ponto estamos inteiramente com Renan e Nietzche — e com elles affirmamos: "Em summa, o fim da humanidade não é produzir massas esclarecidas, mas alguns grandes homens..."

Estes grandes homens formam a *élite* intellectual, a nobreza de hoje que não póde ser nem o punhado de homens signalados pela ferocidade guerreira d'outros tempos, nem o cortiço convencional dos parasitas dos paços — ás sopas dos imbecis poderosos.

---

(1) Pensa-se, a serio, em fazer dos antigos Paços escolas — e os jornaes já informam algumas proscripções artisticas.

Um unico museu chama a sympathia do publico — o Museu revolucionario.

Mas d'entre os eleitos ha a distinguir — os que a sciencia pura naturalmente isola e torna impermeaveis ao odio dos ignaros — e os que exteriorisam obras que aquelles enxergam de olhos vidrentos e ensanguentados pelo rancor — os que produzem Arte, exteriorisam os talentos, os que se criam o tal mundo á parte — que o 3.º estado persegue, invectiva e sobretudo pretende esboroar.

A Patria nova ha-de ser a nação dividida em duas partes — uma pequenissima, mas austera, escolhida, plena de genio dominador — o cerebro do paiz, representado pela sua *élite;* a outra, grande em numero, mas passiva, pequena em vontade — sem espirito de commando, obediente, o corpo da nacionalidade, emfim, systematisando os movimentos — os menores actos — ás aspirações dos ramos diversos da *élite* — por sua vez subordinada a nucleos dominantes.

A lucta pela preeminencia, para me servir de palavras consagradas (1), é a formula nova da jornada culta.

E' a formula ampliativa e intellectualisada do *struggle for life*.

Guerra ao principio da Egualidade, anti-natural, importuna e cuja tentativa de implantação só pode filhar uma grande baixa mental — os maiores desconcertos.

Com razão affirma Bourdeau, em commentario a Spencer, que o collectivismo não passa de uma phase de propaganda, não pode visar um fito de desenvolvimento definitivo.

O Estado socialista exclue a idéa de progresso, pelo que entrava a iniciativa individual.

De facto com toda a razão affirma o philosopho inglez que «um dos traços essenciaes da evolução social é a especialisação das funcções e que portanto a funcção do Estado deve ser limitada á proporção que a evolução se desenvolve: estender as suas funcções é andar para traz». (2)

E no entretanto o mais da gente guerreia a individualidade, apedreja a obra isolada, pretende a repartição dos beneficios espirituaes e odeia o talento ou o genio que os criam, semeiam, ou espalham.

A mediocridade esteril passa a vida a enxurdar a intelligencia, glosando idéas baratas de egualidade perfeita.

Os que a formam são o enxame de inferiores sem rumo, vergados ao peso das illusões que os cavalgam.

Apostolos falsissimos, em geral da marca *positiva*, são no fundo pregoeiros dos mais extravagantes preconceitos.

Por mim prefiro os rudes — os de boa fé — os bons camponios que se levantam á hora do sol, conversam a natureza á puridade, creem nos agoiros, leem o futuro nas superstições, são por vezes o pronuncio do genio latente nos dictos, nas suas descobertas — até na perseverança da rotina — trabalham, cantam, vivem, são felizes e não embargam a felicidade dos outros.

---

(1) *Les maîtres de la pensée contemporaine*, par Bourdeau. 1907.
(2) Carta de H. Spencer a Bourdeau, no livro cit.

O grosso dos taes philosophos finge acreditar sómente no que *vê.*

Lê grosseiramente nos *effeitos* e d'ahi confundir as *causas.* Isto em parte por educação—muitas vezes por má fé.

Se lhes convier negarão o crescimento das arvores—porque as não *vêem* crescer.

Que importa verem-nas crescidas?

D'uma grande parte da obra dominante—a dos apostolos mais creditados nas praças portuguezas—pode bem dizer-se o que a critica allemã concluiu do exame da obra de Haerel—que um tal trababallio realizou o *zero philosophico.*

E póde dizer-se, no presente caso, com bem justiça.

Artistas! intellectuaes!—guerra á pantonarchia, designadamente aos apostolos mais ousados.

Defendei a obra aristocratica portugueza, e o que é mais fortalecei o seu reinado, ou republica, tanto importa, promovendo, garantindo, dilatando o seu antigo poderio, pela criação do novo estado—o 4.º Estado na ordem historica:—o *Estado—artista.*

Quando os inimigos internos ou externos vos pedirem a folha corrida da Nação, de tal forma remodelada—nas bases d'uma obra de genio secular—mostrae-l'ha, que por maiores que sejam os titulos dos estados mortos ou vígentes—nenhum apresentará mais limpo documento do que o novo Estado e com elle a mais notavel certidão de serviços e gloria.

Basta de cobardias.

Que todos tomem os seus logares.

Ao talento é dispensavel a desgraça para que o preiteemos.

Por si se affirma, e exteriorisa. Ennevoar o dia, esconder o sol só para que as toupeiras e os morcêgos viagem á vontade,—é de nimio desleixo, senão de criminosa abnegação.

Faça-se o dia, como informam que o Creador mandou e quem não puder viver, encarar a luz—que fuja—que se suma! Fazer da treva o relagorio dos semi-cegos não está bem, não pode ser...

Ao menos não deve ser.

Ancêde—1911.

Do livro em preparação: *"Humor e Philosophia".*

Villa-Moura

Chanson

Adieu vous dis, la larme à l'œil;
Adieu, ma très gente mignone.
Adieu, sur toutes la plus bonne,
Adieu vous dis, qui m'est grand deuil.

Adieu, adieu, m'amour, mon vueil,
Mon pauvre coeur vous laisse et donne,
Adieu vous dis, la larme à l'œil.

Adieu, par qui du mal recueil
Mille fois plus que mot ne sonne;
Adieu, du monde la personne
Dont plus me loue et plus me deuil.
Adieu vous dis, la larme à l'œil.

De François Villon
«Chansons»
Siècle XV.

Canção da Despedida

Digo adeus, e vou chorando...
O' meu bem, meu amorsinho,
Já nem vejo o meu caminho,
De cego que vou chorando.

Entre as lindas a mais linda,
Vou partindo, e vou ficando!
Quem diz adeus, fica ainda...
Digo adeus, e vou chorando.

Digo adeus, e volto o olhar
Para traz, de quando em quando,
Minhas penas adoçando
Na alegria de chorar...

Digo adeus, e vou cantando.

(De François Villon)

ÁRVORES DE PORTUGAL — Estudo de copa de cedro

(De Cervantes de Haro)

Esta história é para os Anjos

Nem palácio, nem cidade,
Nem raça de sangue nobre:
Foi num berço de humildade,
Numa casa e terra pobre

Que nasceu a donzelinha,
A quem quero e que me quer,
De quem sou e que é tam minha,
Que ha de ser minha Mulher.

Somos de egual creação
E a dôce Mãe que a creou
E meu Pai, por geração,
Sam netos do mesmo Avô.

Moramos os dois tam perto,
Que, a medir pelo caminho,
Será a distancia ao certo
Um vôo de passarinho.

Quando Ela era creancinha
E eu já rapazinho feito
A minha bôa Mãesinha
Tambem a trouxe no peito.

Olhos de Mães nos traçaram
O Destino misteriôso,
Das vezes que nos juntaram
No mesmo olhar carinhôso.

Santo olhar, materno e puro,
Que aos dois — menino e Menina —
Predestinou o Futuro
Soletrou a clara Sina...!

Oh! quem soubera entender,
Quem podera adevinhar
O que Elas dizem sem vêr,
Porque está no proprio olhar...!

Olhos de funda clarêza,
Que o coração feminino
Vive mais na Natureza,
É mais ao pé do Destino.

Desde então as nossas Vidas
Ninguem as pode apartar,
Eternamente fundidas
No raio do mesmo olhar.

Gotas d'água cristalina,
Que mal a Aurora apontou,
O raio, que as ilumina,
Na mesma névoa elevou.

Névoa, que paira embalada
Num amorôso segrêdo,
Dôcemente abandonada
Entre os braços do arvorêdo...

Eramos nós creancinhas
E já, para além da Vida,
As nossas almas juntinhas
Numa nevoa enternecida

Iam sobre os horisontes
Tomar nas formas da serra,
No ar, nas pedras, nas fontes,
No Corpo e Alma da Terra,

Formas tão bem combinadas,
Figura de tal maneira,
Que nas Almas apartadas
Houvesse uma Alma inteira;

Para que ao fim de nascerem,
No ponto de se fitarem,
Mais depressa se entenderem
E inda mais fundo se amarem.

As Almas assim creadas
Sam irmãsinhas tambem,
No mesmo abraço apertadas
Ao seio da Terra-Mãe.

E eu, por certo, vos inteiro
—Procurai de vale em serra—
Só é Homem verdadeiro
Quem viveu de encontro á Terra.

Ai! dessa raça doentia
Que nas cidades nasceu:
Nem vê a Terra de Dia,
Nem de Noite vê o Céu;

E que arde em sêdes mortais,
Em contínua febre acêza
Junto ás fontes imortais
Da Bondade e da Belêza!

Filho—pródigo orgulhôso,
Que a vil cubiça governa,
Faze-te humilde e amorôso
E volta à casa paterna.

Volta à Terra, que te chama,
Volta lá e has de aprender
Que só é feliz quem ama
E ama quem sabe sofrer.

A ave, quando descerra,
Junto ao Céu, as azas puras,
Primeiro finca-se à Terra
E depois sobe às alturas.

Volta... e de Dia verás
Que inda o ser mais pequenino,
Na mais dôce e humilde paz,
Cumpre amorôso Destino.

E quando tudo acomoda,
Já quando a noite vai alta,
Basta olhar à tua roda
Verás que a Vida se exalta,

E que em frente ao Céu sem fim,
Á Noite infinita e densa
Não ha desejo ruim
E a Alma se torna imensa.

E quando tam alta fôr,
Que atinja aquela grandeza,
E' que está cheia de Amôr,
Que é a mais alta Beleza!

As Almas, se alguem as sabe
Conhecer logo de fito,
É pelo Amôr que lhes cabe
Pelo que tem de Infinito!

Assim a dôce Mulher
De quem serei, sendo minha,
Porque lhe quero e me quer,
Tão de encontro, tão juntinha,

Á Madre-Terra viveu
E de Alma tão recolhida,
Que debruçada bebeu
Mesmo na fonte da Vida.

Quem a viu, só pelo olhar
E pela graça do vulto,
Sabe estar no limiar
Daquele país oculto,

Onde a voz dos Anjos canta,
Onde o Amôr é já divino,
e aonde a Bondade é tanta,
Que encarna o próprio Destino.

Graça de espírito aéreo,
Alma que sonha, invisivel,
Se a gente sonda o Mistério,
É tudo um mundo indisivel...

Quem a vê d'olhos atentos
Sente máguas esquecidas,
Divinos presentimentos,
Certezas desconhecidas.

Se um escultôr conseguisse
Formar a aérea figura,
Que a sua reproduzisse,
Tam bela fôra a escultura,

Que o seu nôme fôra tal
como — a Graça melindrosa,
A Beleza espiritual,
A Bondade silenciosa.

E quando em silencio passa,
Como a Alma da paisagem
Encarnou na sua graça,
Dá mais sombra que a folhagem,

Tem mais socego que os montes,
Abriga mais do que um Lar,
Mata a sêde mais que as fontes
Dá màis Sonho que o Luar.

No dia, em que A vi mais perto,
Logo acordei noutra Vida
E logo senti por certo
Que tinha a Alma partida,

Pois vi-lhe, emquanto a fitava,
Com os meus olhos nos seus,
A parte que me faltava
Para chegar até Deus!

Oh! olhos extasiados,
Creando um novo sentido,
Oh! segredos revelados
No silencio surpreendido,

Quando as Almas estremecem
A' maior profundidade,
Porque emfim se reconhecem
Na sua eterna Unidade!

Que amar é ter assistido,
Já para além dos humbrais
Desse olhar embevecido,
Aos divinos exponsais

Da Graça com a Rudeza,
Do Fogo com a Brandura,
Da Força com a Beleza,
Com a Bondade e a Ternura.

Amar é a maravilha
De crear e ser creado,
Ser a Mãe e ser a Filha
No mesmo sêr combinado.

Amar é sêr a semente,
Num árido chão sepulta,
Que germina de repente,
Trasbordando seiva oculta;

E tanto, tanto cresceu
Que custa a reconhecê-la:
A sua copa é o Ceu,
Cada folha é uma estrêla...

É sentir que não ha nada
Sem que delire em desejos;
E' ir de boca fechada,
Continuamente a dar beijos.

Amar é ser indeciso...;
É não fazer distinção
Entre a Lágrima e o Riso,
Entre o Beijo e a Oração.

É seguir extasiado,
A cada portada aberta,
Num palácio abandonado,
De sala em sala deserta.

É entornar a Belêza,
Porque as Almas estam razas:
Amar é ter a surpreza
De vêr os homens sem azas!

É fazer brotar as fontes
No deserto mais escasso;
É já não ter horisontes...;
É viver além do Espaço,

Onde nem a Nuvem erra,
Onde nem Astro gravita:
Amar é, pisando a Terra,
Vê-la a distancia infinita!

Acima, oh! Alma liberta,
Sopra o lume em que desvairas,
Distende mais a aza aberta,
Alteia o vôo em que pairas!

Eis-me já nos Céus sem fim...
Mas subo em Amôr: e abranjo-os;
Deixo a Terra atráz de mim:
Esta história é para os Anjos!

S. João do Campo.
Setembro de 1910.

Uma fala de Espiritos

I

Noite espectral. Fantasmas de luar rondam na serenidade do Silencio. A lua entornou-se e escorre, sobre a terra, um branco mel suave d'açucenas. Extatica e branca a terra scisma, e, do seu scismar, ressumbram materialisações de sonho. Os pinheiros recolhem a seiva e adormecem num intimo murmurio de evocações. Pouco e pouco farrapos de luar se juntam em duas formas humanas; sobem vagarosamente a encosta do pinheiral e começam um dialogo precipitado.

Uma é alta e desageitada, de luar condensado, semelhando sombra; outra fragil, inquieta, de luar diluido, estremecendo fugitiva.

São dois espectros de homem. O primeiro evola-se em saudade da montanha, do rio e dos pinheiros. O segundo condensa-se pesarosamente no meio do Espaço, como se fôra uma alma a corporisar-se.

Assim fala o Espectro da Terra:

—Sou o filho da Montanha. Conheço as entranhas da minha mãe terrestre. Foi com dôr e sofrimento que ela me gerou. Rasguei-lhe os flancos, pejei-lhe o ventre, nutri-me do seu sangue, fui sofrego da sua carne e da sua alma. A minha mãe tinha uma alma humilde e vagarosa, não se desentranhava; mas, nas profundezas das suas entranhas, estremecia, ebria de futuro.

Era generosa, era uma pura dadiva. O seu corpo era o seio de inumeraveis voracidades. E sofria pela angustia das suas penedias secas, e chorava pela fome dos homens, seus vagabundos filhos.

Os deuses cobriram-na com um manto de luz e calor e levaram-lhe os filhos para a escravidão, arredando-os das fontes e das sombras maternaes.

Os filhos da Terra deviam ser os escravos dos deuses. Eles, que tudo deviam á sua mãe terrestre, haviam de desprezá-la por esses tiranos longinquos e cheios d'um ingrato desprezo por essa Terra, que afinal os tinha amamentado tambem. Revoltei-me. Eu era adivinho, diziam. Esse poder vinha sómente d'aquela embriaguez em que no seio da minha mãe estremecia o futuro.

Roubei o segredo aos deuses—furtei-lhes o fogo e vim entregá-lo ao meu irmão homem. E, com esse fogo, o homem subiu,

cresceu e destronou os deuses. Depois esqueceu-me no suplicio, e, lá no Caucaso, ainda é torturada a minha carne. Adormeci no suplicio. Quando acordei, soube que um intrujão, raquitico como tu, tinha negado a minha mãe terrestre.

— E's filho da mentira, responde numa voz cortante o outro Espectro.

— E o que é então a Verdade, oh tu, que como o fumo da palha humida enches a natureza d'uma insuportavel presença?

— A verdade é o Amôr.

— Por amôr gemeu a minha Mãe, por amôr me foram roídas as entranhas, por amôr me dei em sacrificio aos homens e á natureza.

— Isso é amar ilusões. O verdadeiro amôr é o amôr por meu Pae celeste. É preciso desprezar este mundo, que é mentiroso e vão; amar Deus somente, e, em Deus, os homens nossos irmãos. Eu tambem me sacrifiquei pelos homens. Sou aquelle que, por amôr dos homens, morreu crucificado.

— Ah!... Lembro-me... Mas tu devias sêr o meu irmão mais novo. Eu vi um dia, no coração de minha Mãe, uma figura feminina, cheia de dôr e bondade. Era Jesus...

— Sou eu.

— Tu, miseravel?! Tu és o meu irmãozinho; aquele que devia vir depois de mim a encher de bondade, com a sua doçura feminina, os corações dos homens, por mim tornados firmes e altivos? E's tu aquele que sonhava o Amôr, já mais perfeito, de minha Mãe? Aquele de quem eu fui a primeira e a mais dolorosa experiencia? Para que o ventre terrestre te parisse, preciso foi que primeiro eu viesse colher os ensinamentos da Dôr. — E tu viestes; e tu, ridiculo palhaço, vieste remir os homens e abandonaste, renegaste teu irmão e tua Mãe. Eu continuo torturado pela Fatalidade, minha Mãe foi escorraçada do teu paraizo, foi esquecida no *espectaculo da tua Redenção!* E para isso fizeste-me adormecer; porque, se acordado fôra, eu quebraria as cadeias, eu arrastaria comigo o proprio Caucaso para te esmagar, miseravel!

O Espectro tinha-se amalgamado com a Terra e com a Noite, momentaneamente tempestuosa e obscurecida. E estas palavras sahiam da Terra e da furia do Vento.

De novo um branco mel suave de açucenas embebera a Terra. E, verdadeiro humilde e firme, assim fallou o outro Espectro:

— Vim trazer a felicidade aos homens. Eu amava-os como se não pode mais. Procurei-lhes a felicidade e vi que não era no exterior, que ela podia residir. Só podia sêr feliz o homem que *consentisse*. O consentimento, a renuncia no seio clemente de Deus é a unica felicidade socegada e pura. A Natureza é insensivel, esmaga as esperanças e os afectos do homem com bruta indiferença. E' hostil e feroz, agride sem proposito e afaga sem carinho — por isso refugiei o homem em si mesmo. Depois vi dentro do homem,

RETRATO DE R. L.

(De António Carneiro)

egualmente, a guerra, a lucta, a discordia, o tumultuar das paixões o escachoar do odio e da inveja, emfim, a invasão do mundo exterior, fazendo do homem um escravo dos apetites, do mundo, de tudo o que não é propriamente o homem.

Fi-lo renunciar a todas as exterioridades, e, naquela abstracta aspiração de Infinito, que nele encontrei, fiz residir Deus. Naquela insaciavel aspiração de felicidade o fiz meditar e, embalando-o no ritmo do proprio desejo, adormeci-o na renuncia e na quietitude d'uma alma equilibrada, pela continuidade vertijinosa e monotona do proprio querer. Nesse permanente desejo de Deus está a felicidade e a verdade, porque a alma nada mais é que voracidade divina.

—E eu abandonado no Caucaso, e a Terra a mendigar a luz do sol.

—Tudo isso é transitorio e futil. A Verdade é a absorção em Deus.

—E's covarde, negas a vida porque não podes com ela.

—Faço-o por amôr dos homens.

—Os homens dispensam uma piedade, que lhes obscurece e amesquinha a vida para lhes dar depois a felicidade do charco. Olha! que me importa o teu paraizo, que me importa a felicidade de charco que ofereces, se o mundo de dôr e agonia dos nossos irmãos continua na cegueira, na guerra e na bruteza? E's um cirurgião habil! Está dorido um membro? Corta-se. O pensamento inquieta? Corta-se a cabeça.

Salvaste os homens. No entanto abandonaste a Mãe e o irmão e *eternamente* entregas os homens ao sofrimento e á mentira *transitoria!*

A Natureza emudecera a escutar. Uma melancolia subtil, uma condensação de tragedia se ia formando lentamente. Àquellas duas forças cosmicas iriam unir-se e salvar o mundo, ou iriam combater-se e continuar a dispersão e a guerra, que vêm do Caos?

O Espectro da Terra continuou:—Que deste aos homens? Ah! eu não os fiz de todo venturosos, mas dei-lhe o fogo que os aquece, que os alumia e que os conduz.»

—E elles esqueceram-te.»

—Não me puderam libertar ainda. Mas tu, que és todo poderoso, esqueceste os teus e toda esta Dôr que te cerca e não ouves.

O Espectro de Cristo, inquieto e comovido, perguntou:

—Onde está a Dôr?

—Ahi a teus pés; tira os olhos *de dentro de ti* e olha em redor. Não vês lagrimas, suplicas, desesperos?

O espectro de Cristo começara a condensar-se. Abraçado pelos pinheiros apalpa e, num grito estertoroso, clama:

—Meu Deus! Eu vejo um tumultuar de angustia. Meus irmãos escarnecidos e esmagados. Minha Mãe ceguinha e mendiga. O Sol, os astros, as nebulosas, tudo agonisa e me chama.

Enleiando-se no espectro de Prometeu e beijando a Terra:

—Minha Mãe, perdôa. Meu irmão, conheço-te agora! Olha o meu coração como se incendeia! São labaredas d'amôr; vou-me consumindo em amôr!...

O ceu acende-se numa luz branca, que o envolve cariciosamente, e o espectro de Cristo, ainda agora abraçado na Terra dilue-se em luz na amplidão ilimitada:

—Meu irmão leva esta luz aos homens. Com ela, eles serão felizes; poderão libertar-te e espiritualisar o Universo.

Prometeu, inundado num clarão desconhecido, estremece, cahi de joelhos e murmura:

—Abençoado seja o meu sacrificio. Sinto o quebrar das cadeias. Comprehendo agora, porque o meu fogo não salvou os homens. Não é o fogo que os pode salvar, mas a alma do fogo. A natureza sofre e é impotente, mas o homem possue o fogo do espirito e, com ele, irá acender consciencias pelo Espaço. Desperta e lucta Natureza! Já não pesa sobre ti a Fatalidade; mas, com o amôr e o espirito, começa a liberdade, o consentimento mutuo, o auxilio, a fraternidade, a ascenção moral! Deus é o foco invisivel das almas, a fonte inexgotavel do heroismo e do amôr.

Desce da Montanha, oh Carne de Prometeu! E vai pelo Universo levar a boa nova—os dois irmãos se amaram e, do seu amôr, nasceu um Cosmico Jesus, um Cristo—Prometeu, que, na terra, nos mundos, nas nebulosas, vae ensinar Deus ás almas.

Amanhecia. Na claridade do nascente, a luz tinha uma côr inedita, a terra uma face nova.

Murmurios misteriosos e rapidos perpassavam pelo ar, e por sobre a espiritualisada face da terra. Eram coloquios rapidos e nervosos, movimentos de delirio e crescimento. Tudo avolumava e estremecia.

. . . .

Um Genesis novo começara das bandas do Sol, lá do prodigo Oriente.

Lixa.—12 de Setembro de 1911.

(Do livro inedito "As falas dos sêres")

Leonardo Coimbra

O PUCARINHO

O pucarinho de barro,
o pucarinho,
tem bochechas encarnadas,
tem as faces afogueadas;
dêem-lhe agua, coitadinho,
que tem sede, o pucarinho!

O pucarinho de barro,
o pucarinho,
está ao pé da sua mãe,
sua mãe, bilha bojuda,
que tem como elle tambem
a carinha bochechuda!

O pucarinho de barro,
o pucarinho,
se a agua dentro lhe cae,
põe-se baixinho chiando;
parece que diz:—Ai, ai,
já a sede vae passando!

Se se vae pelo caminho,
ao Sol ardente,
tem-se uma grande alegria
se dão a beber á gente
uma pouca de agua fria
que é dada num pucarinho!

(Do livro Canto infantil, com musica de Th. Borba, no prelo)

Affonso Lopes Vieira

Quinta das Làgrimas — Fonte dos Amores

I

Lágrimas e Amôres... Olha a graça
Destes dois nomes gémeos, abraçados!...
—Tu és fonte de Amor, ó minha raça,
—Trazes teus olhos sempre marejados...

Olha a fonte a cantar, dizendo á gente
Dramas de Amor em vozes de creança...
E, sobre o sangue, o beijo transparente
Da agua que passa e beija e não descança...

Ali a Morte e o Amor, num mudo assombro,
Tragicamente mudos, os sentímos
Que se contemplam sobre o nosso hombro...

E no silencio fundo e alto, quando
Passa a briza nas folhas,—nós ouvimos
Lábios gelados que se estam beijando...

II

Sangue de Inês...—A santa ingenuidade
De quem vive a sonhar, por muito amar!
—Portugal é uma fonte de saudade
—Toda triste e saúdosa, a recordar...

Sangue de Inês que, morta, foi rainha,
E teve altar no Amor dos amorosos,
E que passa ao luar, branca e sòsinha,
Entre a Sombra dos troncos silenciosos...

Cedros vélhos que os vístes,—cedros vélhos
Que tanta vez os vístes de joêlhos,
Extasiádos, trémulos de Amor!...

Ha paisagens que sam almas rezando...
... E aqui vagueiam almas recordando,
Encantadas e tristes, ao redór...

Coimbra, 1911.

Augusto Casimiro

Misticismo da carne

(a Moita de Deus, Estevam
de Oliveira, Mario Vieira).

I—*Avé-origem*

Por teu ventre começa a minha vida,
Por teus olhos a estrela que me guia.
—Amor, que Deus te salve!—Avé-Maria,
Cheia de graça, ó bem-aparecida.

Por meu e por teu verbo de harmonia
Se fará eterna origem comovida
De outros fructos de amor!—Avé-Maria,
Senhora da minh'alma apetecida,

E meu sangue amoroso e productivo
Se fará carne e espirito fecundo
Á tua imagem noutro corpo vivo.

E assim ambos, Amor, iremos ser
Seio da vida originando o mundo
Por teu ventre bemdito de mulher.

II—*Amen-Amor*

Ó Eleita da minh'alma e do meu gosto,
Como te encontro bem dentro de mim!
Que lindo fica o teu olhar, assim,
Quando meus olhos queimam o teu rosto.

Trago de longe os teus desejos... Todo
Cheio de mim vivo contigo imerso.
Quando nasceste ouviu-me Deus... A modo
Que foi, assim, meu coração teu berço.

Tu vives para mim tão casadinha,
Dá-se tanto minh'alma com a tua
Que não sei qual das duas seja a minha.

Criei amor, bem dentro, aos meus desejos:
Amo a luz que a teu corpo me insinua
E abraço tonto o coração aos bejos.

SONETOS

I

A névoa que me envolve sobre o lôdo
D'este mundo, e me arrasta consumido,
Tão distante me traz do meu sentido,
Que julgo errado o meu passado todo!

A que foi que aspirei?! Que falso engodo
Foi que me trouxe o espírito illudido?!
Ah! que é certo ninguem ser prevenido
Senão pela experiencia, d'este modo!...

E as intenções que tive! E como eu era
Livre, contente e bom, prompto a luctar!...
Mal empregada a minha mocidade!

Como eu seria outro, se soubera
Que mais se illude aquelle que teimar
Em servir sempre o bem com a verdade!

II

Tenho a mais alta aspiração do homem,
Aquella que nos nasce involuntária
No coração, e que é mais necessaria
De quantas ha, e aos outros mais consómem!

Não é riqueza ou fama, embora tòmem
Os olhos attenção á sorte vária;
Mas attingir na arte a estatuaria
Suprema d'esse ideal que os astros sómem!

Tenho-a desde os meus sonhos de rapaz,
(Quando se busca só o que é verdade,
E na verdade o bem a que se aspira!...)

Porque esta vida, como a gente a faz,
Cheia de odio, de inveja e de vaidade,
Que enorme, que enormíssima mentira!...

João de Deus Ramos

PEDRO NUNES E A ÁLGEBRA

> ... l'Algèbre aurait un nom grec au lieu d'un nom arabe, et cependant les géometres grecs n'en auraient pour cela ni plus ni moins fait d'Algèbre qu'ils n'en ont fait».
>
> *M. M. Marie.*

Sem dúvida. A geometria grega tem ao lado do raciocínio puro, os objectos a que o aplica. Forma, pois, uma geometria com um carácter acentuadamente algébrico. O raciocínio é perfeito e geral, faltando-lhe apenas um simbolismo que o facilite e que, vestindo as mesmas ideias, as torne mais abstractas, por as tornar livres dos objectos que as originaram.

O mundo geométrico começa então a depurar-se cada vez mais da experiência que o originou, e a álgebra aparece. Claro está que já na Grécia a geometria—a princípio misto de experiência e lógica—se tinha elevado a uma construção ainda hoje digna de admiração. Assim, quando Platão afirma que não é digno do nome de homem aquele que não sabe geometria, refere-se evidentemente àquela geometria que tinha chegado ao conceito de número irracional, àquela geometria puramente especulativa que era a sciência grega por excelência.

Seria interessante seguir através dos tempos a evolução desta sciência que, de verdadeira *física dos sólidos perfeitos*, como ainda pode ser considerada, se transformou na álgebra, absolutamente desprendida do real. Verificar como com Descartes há outra vez a tentativa da unificação dêstes dois ramos, como Leibnitz e Newton são levados, para acordarem o contínuo geometrico com o contínuo algébrico, à noção de diferencial ou antes ao cálculo infinitesimal e como nos tempos modernos se está a considerar a álgebra novamente como uma geometria, não a euclidiana, quero dizer não aquela que está de acôrdo com as propriedades dos corpos sólidos, mas uma geometria relativa a um mundo todo criado pelos matemáticos e do qual a *actual realidade* não é mais que um caso particular.

Mas isto levava-nos para campo muito diferente daquele em que nos pretendemos colocar.

Hoje simplesmente queremos mostrar o papel desempenhado por Pedro Nunes na criação da álgebra moderna. Não é que este trabalho seja original e que já não esteja dito tudo que passo a afirmar; mas é que me parece não ser o trabalho de Bosmans, publicado nos «*Anais scientíficos da Academia Politecnica*», suficientemente conhecido, nem escrito para leitores alheios a êstes estudos.

Neste trabalho mostra Bosmans que o «*libro de álgebra*» de Pedro Nunes ficou quási desconhecido por ser escrito, numa primeira edição, em português, língua pouco conhecida, depois em espanhol, língua pouco simpática, apesar de muito falada.

Dêste modo o livro não passou dum reduzido número de leitores que o apreciou com justiça.

Pedro Nunes define álgebra como sendo a arte de resolver as equações — "En esta arte de álgebra el fin que se pretende, es manifestar la quantidad ignota. El médio de que usamos para alcançar este fin, es ygualdad".

Como sabemos a noção de potência é relativamente moderna, de modo que Pedro Nunes, como os matemáticos do seu tempo, tinha uma palavra para cada potência, embora essas palavras, na sua formação já obedecessem de certo modo à propriedade característica desta função. Assim a

$$x^1 \quad x^2 \quad x^3 \quad x^4 \quad x^5 \quad x^6 \ldots$$

chamava

cosa, censo, cubo, censo de censo, relato primo, censo de cubo ou *cubo de censo*...

E a notação empregada era correspondentemente:

co, ce, cu, ce. ce, re. p.º, ce. cu ou *cu. ce,* etc.

Vê-se a dificuldade enorme que isto acarretava quer para a leitura quer para a escrita. Mais tarde Viete pouco modifica.

Os sinais empregados são:

$\widehat{\text{m}}$	$-$	
$\bar{\text{p}}$	$+$	
Iguales a	$=$	
R. V.	$\sqrt{\ }$	(radical geral)

Não usa o parentese, repetindo os termos que o formariam na notação actual.

Assim a expressão:

$$65x^2 - 75x - 12x^3$$

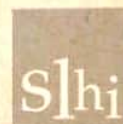
é escrita:

65. *ce.* $\widehat{m}$. 75. *co.* $\widehat{m}$. 12. *cu.*

Expressões como esta são designadas na álgebra com o nome de "*dignidades interas*".

As fracionárias são divididas em quebrados de "primeira

MOÇO DE ESQUINA

(De Leal da Cámara)

intencion„ e de "segunda intencion„ conforme o denominador contêm ou não contêm a incógnita.

Define e dá regras para todas as operações com os polinómios, com as fracções, estuda a redução das fracções, tudo isto independentemente da geometria.

A resolução das equações do segundo grau é feita geométricamente, considerando os casos:

$x^2 = ax + b$, $x^2 + ax = b$, $x^2 + b = ax$ onde a e b são positivos.

Só quando as raízes são ambas positivas é que Pedro Nunes as admite como raízes, nos outros casos declara os problemas impossíveis. Se bem que já no seu tempo aparecera quem lançasse os números negativos, é certo que Pedro Nunes não achava razoavel semelhante ideia e chegou mesmo a indignar-se contra esses "vaidosos„.

O seu exagêro é proveniente dum escrúpulo lógico muito aceitavel. Basta reparar que as equações eram resolvidas geométricamente.

Não admitindo as soluções negativas, não admite tambem as soluções nulas. Assim a equação:

$$5x^2 = 9x^2$$

é declarada impossível.

Repare-se que, se actualmente nos rimos disto, basta traduzir geométricamente aquela equação para compreendermos imediatamente a lógica de Pedro Nunes. ¿Não generalizou como nós actualmente? Sem dúvida, mas não se podia fazer tudo duma só vez.

No estudo das "dignidades„ Pedro Nunes faz álgebra exactamente como os autores modernos. Quer dizer, as suas demonstrações são já todas independentes da geometria. E' aqui onde começa a álgebra.

E' certo que já em 1514, Jordan de Nemore tinha usado êste processo, fazendo raciocínios sobre letras; mas até ao aparecimento de Viète, só Pedro Nunes e poucos mais, compreenderam a importância dêsse uso.

A noção de equivalência relativa ás equações encontra-se pela primeira vez em Pedro Nunes, no seguinte problema: "achar um número que multiplicado por 3 seja o seu quadrado, e que aumentado do quadrado dê 7„.

As equações são:

$$3x = x^2 \quad \text{e} \quad x + 3x = 7$$

ou

$$4x = 7 \qquad (1)$$

mas, é tambem:

$$x + x^2 = 7 \qquad (2)$$

e, portanto, adicionando (1) e (2).

$$5x + x^2 = 14 \qquad (3)$$

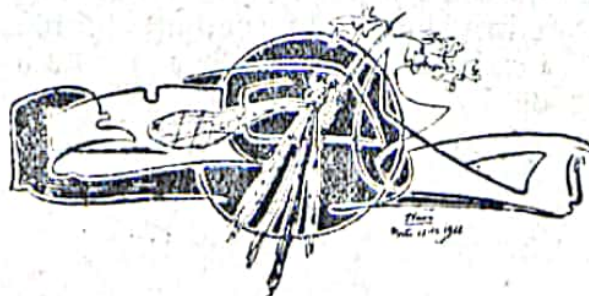
Donde

$$x = 2$$

Solução que verifica a última equação e não satisfaz ao problema. Razão apresentada por Pedro Nunes é que a raiz de (3) não é raiz de (1) nem de (2). Actualmente diriamos: é que (3) não é equivalente a (1) nem a (2).

O livro de álgebra trata depois duma multiplicidade de problemas, com um carácter absolutamente algébrico, tendo algumas soluções que ainda hoje podem ser apresentadas como modelos de lógica e até de elegância.

Mas já não é para êstes artigos o tratar com tanta minúcia dêste sabio português que ia ensinando os nossos marinheiros a cortar o mar segundo a luxodromia e ia mostrando aos sabios o caminho mais curto para os seus raciocínios perfeitos, criando a algebra.

E havemos de ver se fez mais alguma coisa.

Da liberdade e seus detentores

Tenho diante dos olhos um tremendo artigo de jornal, escripto na maneira truculenta e desairosa que torna a nossa imprensa uma coisa notavel... na arte do insulto e do enxovalho das opiniões alheias. Não traz assignatura nem indicação proxima ou remota donde se possa deduzir quem seja o seu auctor — processo magnanimo a que frequentemente se recorre para garantir um copioso socêgo a sujeitos que gostam de atirar a pedrada e esconder a funda, como escreve o honradissimo Sá de Mirandà.

O que diz o irritante documento? Um pouco mais ou menos isto — que em Portugal existe um bando perverso de politicos marioiões que estão de animo feito para estrangular a vida livre dos cidadãos, privando-os methodicamente do exercicio dos direitos mais elementares; — que se torna indispensavel dar de presente ao Diabo tão acabados tiranêtes, renovando o acto de cinco de outubro para implantar de vez entre nós um regimen de franca liberdade...

De franca liberdade, nada menos!

Mais devagar, illustre anonimo... Então você julga que as turbas se podem assim, de um dia para o outro, arvorar em soberanas, por meio de uma insurreição ou de um decreto?

Eis a mais perigosa das illusões do nosso tempo!

Não vem a ser livre quem quer, como não é talento superior, heroe ou santo o que disso se convença. A liberdade é um premio raro da natureza, cujo o exercicio está garantido em orgãos e faculdades interiores que muitos homens não possuem, a não ser em dóse minima. A autonomia pessoal, a intangivel hegemonia da nossa consciencia, embora haja quem illusoriamente se creia na posse de dons tão distinctos, distribue-se com assombrosa avareza, segundo um misterioso criterio que a Fortuna não revelou a ninguem.

A personalidade humana, sob o ponto de vista pragmatico, admitte uma infinidade de graus: ha creaturas cuja actividade se traduz quasi só por reflexas, esperando sempre um abalo ou comoção externa para modificarem a sua alma somnolenta e parada; outras — e em que quantidade, bom Deus! — vivem encazuladas num fechado sistema de habitos e praticas tradicionaes, não ousando executar o mais simples movimento, desde que este não apresente conformidade com os ensinos do passado ou as suggestões da classe em que se incorporam.

E' esta gente inestetica, avêssa a novidades, vagarosa e semi-consciente que constitue o grosso das reservas sociaes, a enorme massa amorfa que os creadores da verdade — ás vezes bem baldadamente! — andam desbastando e afeiçoando ha já milhares de annos, a ver se lhes despertam, na profunda ignorancia, o sentimento vivo da sua força.

Annunciar-lhes que são livres, que podem dispôr dos seus destinos — quer semelhante declaração se faça num codigo constitucional, quer pelas predicas assanhadas de qualquer tribuno ou perturbador, com a vesania de propagar credos — que vem isso a significar de positivo?

Ou ouvem com ouvidos de granito e continuam no torpor dos espiritos ensepulcrados na escura materia que os veste ou se erguem estremunhados e entram logo no exercicio da sua soberania, dando as mesmas provas da competencia que as creanças dão quando manejam instrumentos improprios da sua idade e da sua razão embrionaria. As chusmas são um repositorio de energia latente e rarefeita que se vai *realisando* ou antes *espiritualisando* em dadas individualidades escolhidas, mensageiros providenciaes cuja a alta e insubstituivel missão é encaminhar os cegos e os ignorantes atravez os enigmas da existencia.

Schopenhauer comparou a alma humana um largo e claro tanque de aguas calmas: do seu fundo emergem piqueninas bôlhas que á superficie formam caprichosos rendilhados de espuma fugaz: a massa liquida representa o insconciente; as bôlhas argentinas o clarão passageiro do consciente.

O mesmo se ha-de applicar ás sociedade. Aqui as multidões confusas e indistinctas simbolisam a porção de fatalismo e de obscura intuição que acompanham o labor dos povos: a liberdade é uma prenda aristocratica que só se topa

em individuos predestinados para os deslumbramentos do mando, da sciencia, da arte, da filosofia, da educação e da disciplina popular. Tem, no campo da actividade, valor igual ao que o genio possue no mundo intellectual.

O homem só começa a libertar-se da nebulose e do turbilhão das baixas camadas, quando uma capacidade original se accusa no seu cerebro ou na sua vontade. O ramerrão, a rotina, as normas de conducta a que se submettem os mediocres e os imitatativos, mostram-se incompativeis com as formas supremas da acção. A liberdade é o modo mais perfeito daquella ambição de crear que constitue a essencia pura do nosso ser.

Quem é livre, pois?

Aquelle que não seja uma mera entidade de repetição e da copia, mas se destaque entre os outros pelos traços firmes de uma fisionomia inapagavel. Em qualquer grupo humano, apparece sempre um individio que, pela simples influencia de um querer mais forte, reduz os outros ao seu dominio: é o chefe, o conselheiro escutado, o que nos momentos criticos e difficeis saberá livrar a collectividade da oppressão do perigo ou da miseria. As suas palavras vibram num tom da autoridade que subjuga os timidos.

O poeta que mais vehementes emoções enredar na prisão dedicada do ritmo, construindo harmonias em que os vocabulos e imagens se equilibram na medida e no numero, avança sobre os seus pares um passo — o que equivale a dizer que consumou um esforço creador acima da craveira normal. Praticou um *acto* que as tabellas de valores não classificaram ainda. Exerceu com inviolavel independencia uma outra maneira de sentir.

O filosofo que consegue reduzir a termos habeis a sua interpretação do problema universal, fornecendo um conjunto de proposições e affirmações susceptiveis de provocar accordo ou critica e rasgando horizontes novos quer á duvida quer á crença, mexeu-se desembaraçadamente num terreno em que os olhos dos seus semelhantes só avistavam escuridão e nada mais.

O mesmo digo de todos aquelles que com a labarêda da sua eloquencia ou com o bastão do commando guiam as nações para fins que ellas não conhecem, obrigando-as a caminhar no desconhecido, dominadas pela esperança ou pela belleza viril de um vulto heroico. Onde os mais vacilam e tremem, elles ficam serenos, advinhando as soluções e as auroras em rapidos movimentos de augures.

Desnecessario é accrescentar que só elles possuem a força de se determinarem e resolverem, perante o fracasso das turbas impotentes.

No começo da dinastia de Aviz, Portugal necessitava empregar um excesso de energia épica, levando a cabo qualquer d'esses cometimentos com que os povos dão a prova provada da grandeza do seu mandato historico... Quem solucionou a difficuldade, traçando uma perspectiva genial ás anciedades que se interrogavam? D. Henrique, o Navegador.

O historiador João de Barros refere-se á aspiração dos poetas do seu tempo que, sem excepção, se propunham escrever a epopeia da Descoberta e Navegação. Queriam realisar, mas não sabiam como. Foi esta a superioridade de Camões: quiz em plena liberdade escrever *Os Lusiadas* e levou a cabo o seu desideratum. Transpôz assim a treva que o rodeava.

Mil exemplos poderia citar, mas para quê?

O que importa fixar é o seguinte — livres são unicamente os homens que, em frente de um obstaculo, de uma crise ou collisão moral, mental ou social, se mostram aptos para abrir uma saida á tortura collectiva, evitando assim desesperos e catastrofes. Produzem a verdade que exige o momento. Seduzem e emocionam com a maravilha das suas attitudes dominadoras. Quebram resolutos o jugo fatal que embaraça os receosos.

E desta sorte a liberdade realisa a sintese mestra das faculdades humanas. Conceber e visionar pouco mais é que formular vistas espectaculares sobre o mundo e a vida. O grande triunfo do genio consiste na realisação de obras cada vez mais perfeitas, porque cada vez mais livres!

Joaquim Martins Mam[illegible]

NOTAS E COMENTARIOS

A IDEAÇÃO DE OLIVEIRA MARTINS

As duas pequenitas que serviram a Binet como sujeitos das suas experiencias de tests mentais revelaram-se dois tipos bem distinctos de ideação. Margarida, do tipo observadôr-concreto, caracteriza-se pela preferencia dos substantivos na escolha das palavras; pela maior percentagem das ligações conscientes, ligações que são nela determinadas pela contiguidade espacial; pela larguêza no desenvolvimento dos seus temas; pelo dominio da vontade sobre o curso da ideação; pela maior força de atenção; e, finalmente, pelo facto de uma palavra determinar nela a evocação de logares e de pessôas, de origem recente. Correspondentemente encontramos em Armanda palavras de imaginação, inexplicaveis ou de naturêza abstracta, adjectivos, verbos; maior percentagem de ligações inconscientes, ligações que são agora determinadas por semelhança; desenvolvimento curto, por sacadas, por chispas, dos seus temas; um filão imaginativo de que lhe surgem as evocações:—livros, gravuras, cantigas; e, demais, uma imaginação errática, pouco sujeitavel á vontade, com uma fraquêza correlativa da atenção.

Para estudar as duas formas, abstracta e concreta, da ideação, Messer recorre ao testemunho dos proprios sujeitos das experiencias,—feitas estas com homens de mentalidade superiôr, e correspondendo aos tests operações bem mais complexas. O individuo que melhor distingue as duas formas dá como caracteristicas da ideação abstracta: a não—exteriorização; a não—realidade; a ausencia de imagens visuais; o valôr puramente auditivo da palavra; a formação de ligações puramente lógicas. Por seu lado o pensamento concreto teria as seguintes propriedades: tendencia para a exteriorização; consciência da realidade; confusão da palavra com a imagem visual; formação de ligações objectivas, tais como as da continuidade no tempo e no espaço.

Dos restantes individuos com que se realizaram as experiencias de Messer, alguns encontram a distincção em muito menor grau, e um, mesmo, a nega inteiramente. Confesso que o caso me não perturba, dado o caracter subjectivo das informações. Quem pertença acentuadamente a um dos tipos não pode com facilidade sêr levado a reconhecêr, pela introspecção, a existencia dos dois. Mas nos depoimentos, feitos em termos diversos, uma caracteristica existe que notavelmente se repete: o valôr auditivo ou visual da palavra.

Foi dentro desta ordem de ideas que num livrinho indiquei, como exemplares de dois tipos opostos de ideação, dois grandes artistas que foram dois grandes amigos: Antero de Quental e Oliveira Martins. Ilustrei com alguns exemplos o caso do poeta, e deixei o do historiadôr por estar fora do meu assunto. Digam se valeria a pena insistir nelle os que já ouviram ou lêram (como eu) que a maneira de Oliveira Martins vem de um intuito de imitação.

Não me é possivel, infelizmente, relêr agora o historiadôr-romancista; se as circunstancias me não obrigassem a contentar-me com recordações que quasi de infancia conservo, analizaria o problema por toda a sua obra. A ideação concreta pode associar-se ou não a faculdades mais proprias ou mais comuns á outra forma: seria ocasião de vêr o que sucede no nosso exemplo. Mas, enchendo-nos de resignação e voltando ás pequenitas... Perdão: eu bem sei, caros amigos, que ha grande distancia dos tests de Binet ás obras dos meus autôres, e que não são isto os processos scientificos que resistem á Clava de Hercules. Mas eu não vo-lo dou como sciencia positiva. Voltando pois ás pequenitas, releiam os caracteres de Armanda e digam se lhe não encontram tantas cousas de Quental, desde o imaginativo e abstracto da ideação, ao fraco dominio da vontade sobre ela, ao valôr puramente auditivo da palavra, ao desenvolvimento por chispas desse poeta que escrevia sonetos, e sonetos ás sacadas. E aqui lembrai-vos daquela pagina em que Eça nos descreve Oliveira Martins "durante quarenta horas, sem descanso, sustentado a café, empurrando com penna magnifica, através das ruas de Roma, da porta

Carmental ao Capitolio, o triunfo de Paulo Emilio.„ E' um desenvolvimento largo, esse, do tipo de Margarida, cujas caracteristicas agora relereis, para as comparar com as do pintôr do *Portugal Contemporâneo*...

A imitação é na fórma dum verdadeiro artista uma pele que lhe vai caindo á medida que ele cresce, não logrando produzir coisa duradoura e admirável. Jamais tambem esses elementos de imitação nos aparecem vivos, na essência do pensar, inseparaveis da concepção. Com bôa vontade poderemos sempre acrescentar á narração umas descrições e uns retratos, não muito prestaveis certamente, e com todo o ar de trapos pregados a alfinete no vestido liso e natural da nossa ideação. Mas a alga não dá pêras, e não ha força de vontade que transforme um molusco em galináceo. Cousa diferente de tais enxertos é a propria maneira de concebêr, a forma de pensar. O processo concreto surpreende-se na *metáfora* constante, implicita ou explicita, no substracto simbolico do autôr. Como se sabe, a comparação consiste na aproximação de duas imagens que nos são dadas paralelamente, como dois liquidos que se não misturam: "os navios do rio, com os mastros nus, sem balsões nem estandartes, pareciam uma tapada de arvores desfolhadas pelo açoite duro de algum furacão medonho. Dir-se-ia que ao bando alegre das gaivotas da véspera tinham arrancado as asas.„ Na metáfora o aglomerado é mais íntimo, e os dois termos aparecem combinados, amalgamados numa síntese materialmente absurda: "A emprêsa consiste num franco navegar para o bem, com as velas cheias pela viração da sciencia e da fé, que ainda sopravam acordes.„ Tomei estes dois exemplos agora ao acaso, abrindo nas primeiras paginas *Os Filhos de D. João I.º*

Esta forma orgânica é constante em Oliveira Martins, é a sua forma, e surge frequentemente na concepção geral de todo um fenómeno complexo. Eis o que se dá, por exemplo, na *Historia de Portugal*, com a reforma pombalina: a revolução social é vista na imagem do terramoto e da reconstrucção apriórica da cidade, e de maneira que as duas series nos aparecem inseparaveis. "O terramoto durou cinco anos, e subverteu as ruas e as casas, os templos, os monumentos, as instituições, os homens, e até as suas ideas. E sobre as ruinas e destroços da cidade maldita, levantou-se a Jerusalém do utilitarismo burguês: sobre as migalhas de Sibaris a efémera Salento do Marquês de Pombal... O terramoto era o fim de um mundo. Antes de criar, porém, o ministro precisava de consagrar a destruição nas esferas onde a naturêza não chega — na sociedade, nas instituições — para que a futura Salento fosse uma cidade nova em todos os sentidos. O terramoto fez-se pois homem, e encarnou em Pombal, seu filho... *(nova metafora, acidental:)* Que momento singular era este, em que a terra estremecia como nas dôres dum parto, dando á luz um tirano?... A' medida que tudo caía e o chão nivelado pelo terramoto de seis anos pedia a regua e o esquadro do constructôr matemático, o Marquês de Pombal, rico pelos quintos do Brazil, levantava a nova cidade utilitária e abstracta.„

Cito ainda de memoria, entre vários outros, o exemplo do Tesouro queimado no *Portugal Contemporaneo*, e reproduzirei agora aqui um da *Republica Romana*. Anibal vai atravessar os Alpes, façanha que dá logar a uma descrição maravilhosa. Vencerá batalhas, diz o historiadôr, depois de cada uma das quais se sentirá mais vencido; "e no campo alastrado de mortos perguntará a si próprio que especie de Alpes eram essa montanha em cuja subida a cada passo andado se erguiam novos picos, sem portelas acessíveis para descêr pelas vertentes rápidas do êxito. Essa cordilheira inacessivel, composta pelos montes ideais do patriotismo, do direito, da abnegação civica, coroada nos seus pícos pelo sol do raciocinio, animada pelas veias e filões interiores da abstracção, era mais alta do que todos os Alpes: ia perdêr-se no céu...„. Anibal vence no Ticino, em Trebia, no Trasimeno; e depois toda a campanha que precedeu a batalha de Cannas é descrita sob a impressão de uma aguia que percorre o céu da Italia, a vôos largos, enigmaticos. Ainda quando nos descreve uma marcha de tropas, é um vôo que passa pela imaginação do escritôr.

Não tomemos pois por adorno de um pensamento abstracto aquilo que é a propria maneira individual de o concebêr; — e para finalizar a parolice, vejam, nesta evocação do antropoide que procura mantêr-se em pé, a que poeticos simbolismos pode levar a faculdade de imaginar totalmente o concreto, na sua pormenorização: "... Raivoso, caía, mas tinha em toda a face a iluminação de uma alegria orgu-

lhosa quando, apoiada a mão a algum rebento de arvore, conseguia tenteando-se manter-se em pé... Para vêr, com duvidosa esperança, receoso, atrevia-se a soltar-se, e tombava sobre as mãos, cambaleando. Rugia então numa fúria, num chôro, espojando-se no chão, abandonando as árvores que talvêz já odiasse, e que impassíveis largavam sobre o desgraçado um aguaceiro de flôres.„

Antonio Sergio

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

Rosario de sonetos liricos por *Miguel de Unamuno.*

Esta "Revista„ já na sua primeira série, teve a honra de se referir a um livro — "Por tierras de Portugal y España„ de Miguel de Unamuno; e fê-lo em homenagem ao grande escritôr hespanhol que com tanto carinho se interessa pelas cousas portuguêsas. Não sei se esse livro, simplesmente admiravel, foi lido em Portugal. E' de crêr que não... E todavia, nada se escreveu em livros estrangeiros, a nosso respeito, de mais belo, de mais profundamente interessante e verdadeiro. A nossa paisagem e a nossa alma aparecem ali, surpreendidas nos seus aspectos mais ocultos, transcendentes e originaes.

Chamemos, mais uma vez, a atenção dos nossos compatriotas, dominada pela grande questão politica que se debate ainda, para esta altissima figura de escritôr que é um sincero amigo de Portugal.

Miguel de Unamuno é um espirito prodigiosamente fecundo; e a sua grande actividade intelectual exerce-se em todas as regiões da inteligencia: na sciencia, no romance, na critica, na poesia, no drama, etc.

Sobre o seu esqueleto solido, erecto, repousa um cerebro poderosissimo, em constante actividade, n'um perpetuo incendio espiritual. Oriundo de Bilbao, da grande paisagem montanhosa, de elevados e agrestes pincaros, as ondas percursôras da maré alta dos Pirineus — o seu perfil não podia deixar de refletir o perfil serrano da sua terra natal, ninho de aguías e guerrilheiros.

"Busco guerra en la paz, paz en la guerra, el sociego en la acción y en el sociego la acción que labra el soterraño fuego que en sus entrañas bajo nieve encierra nuestro pecho...„ (Soneto YXV, pag. 58).

E por isso, o seu espirito atinge a maior intensidade e a maior força vital, quando canta, quando se torna Poeta, quando se eleva ás estrelas, como a sua paisagem natal só se torna verdadeiramente grande, quando sobe em anciedades de fraga e terra á procura do sol.

Unamuno e a sua Paisagem são dois irmãos. E eis porque ele é um grande e verdadeiro Poeta, mesmo nas suas obras em prosa.

E é o auctor do "Rosario de sonetos liricos„ que apresentamos agora nas paginas d'esta Revista.

Temos lido e relido esta obra poética, d'onde resalta, constantemente, o pensamento profundo, a emoção vidente e creadora, a sensibilidade mais fina, a ironia filosofica, todos os raios, emfim, que o seu espirito solar irradia, ofuscando e deslumbrando. O soneto IV. *La vida de la muerte* é uma obra prima! Traduz tão bem a vida de que é feita a morte, que dir-se-ha escrito por um Phantasma, errante na bruma do crepusculo.

Ei-lo:

"Oir llover no más, sentirme vivo;
el universo convertido en bruma
E encima ñi conciencia como espuma
en que el pausado gotear recibo.
Muerto en mi todo lo que sea activo,
mientras toda visión la lluvia esfuma,
y allá abajo la sima en que se suma,

de la clepsidra el agua; e el archivo
de mi memoria, de recuerdos mudo;
el animo saciado en puro inerte;
sin lanza, e por lo tanto sin escudo,
á merced de los vientos de la suerte;
este vivir, que es el vivir desnudo,
no es acaso la vida de la muerte?„

O soneto V — Bajo eterna luna, o soneto VIII, *el fim de la vida*, o soneto XIII, *Ojos de anochecer*, o soneto XXII *Sin Historia*, são outras tantas maravilhas.

Seguem-se a estes, outros sonetos que são paisagens e terras de Hespanha que o Poeta, a caminho de sua casa, vae percorrendo com a luz anciosa e comovida dos seus olhos.

"Desde Gredos, espalda de Castilla
rodando, Tormes, sobre tu dehesa
pasas brezando el sueño de Teresa
junto á Alba la ducal dormida villa...„

Depois d'estes admiraveis canticos regionaes, aparecem ainda cento e tantas paginas, sempre trasbordantes de pensamento, de inspiração profunda e creadora.

Citaremos ainda, ao acaso, o soneto XXXIX, *La oracion del ateo*, o soneto XLX *Portugal* já publicado na primeira série da *Águia* por especial obsequio do grande Poeta, o soneto LIII, *Razon y Fé*, o soneto LV, *ir muriendo*, o soneto LXII, *Ateismo*, o soneto LXIV *Dias de Siervo Albedrio*, o soneto LXVII, *La sangre del espiritu*.

Depois d'estes e outros sonetos sublimes, esta obra poetica tem ainda duas partes, uma intitulada *Asturias y León* e a outra *De nuevo en casa*.

O leitor que se interessar a serio pelas obras do espirito, deve lêr o livro completo, deve rezar todo aquele Rosario lirico, em que cada soneto é uma oração divina.

Nem estas palavras são uma critica, longe d'isso. Têm por fim apenas dizer aos leitores da *Águia* que acaba de aparecer á luz uma obra nova de Miguel de Unamuno, um dos mais belos espiritos da Hespanha e um amigo verdadeiro de Portugal.

Nem a crítica tem que fazer com as obras perfeitas como esta; deante da Belêsa autentica, perde o golpe de vista que analisa, a serenidade, o raciocinio, e fica reduzida a esta palavra maior ainda do que ela: Admiração!

Dizeres do povo por *Antonio Correia d'Oliveira.* Eis um Poeta eleito dos Deuses.

O seu espirito, atingindo as supremas alturas, tornou-se religioso, porque viu Deus face a face.

A sua figura é, portanto, sagrada.

Nós vêmo-la envolta em resplendôres divinos, os seus pés estão poeirentos de luz, de trilharem a Via-Lactea, e nos seus olhos ha a infinita tristêsa da eternidade contemplada.

E' o sacro Poeta das "Tentações„ e da "Alma Religiosa„.

Mas ele tem momentos em que desce á alma humana, e, de preferencia, á alma da sua Raça. E dos seus labios que falaram com Deus, sáe a palavra humana, a redondilha, o canto popular.

Mas é ele, é um homem que canta?

Não: é o povo.

O Poeta perde o nome de Corrêa d'Oliveira e chama-se — Povo.

Assim aconteceu tambem nas suas ultimas cantigas publicadas. Não são a obra d'um sêr individual, mas d'uma alma colectiva, d'uma Raça emfim.

A sua figura banhada ainda em fulgôres celestes, em cada redondilha, espalha-se em *multidão* e alastra por toda a terra portuguêsa.

Não é um Poeta individualisando em si uma alma colectiva: é a alma d'um poeta multiplicando-se até ao numero das almas que constituem uma Raça.

Corrêa d'Oliveira, nas suas canções é o *Povo-Poeta*, e não o *Poeta-Povo*, como Camões nos Luziadas.

Eis o que torna o seu temperamento poetico inconfundivel e unico em Portugal...

"Dizeres do Povo„ é o segundo livro de cantigas que o grande Poeta publica. E estes dous pequeninos livros são das cousas maiores que se têm escrito, e a sua morte ha-de coincidir com a morte do ultimo Português.

Teixeira de Pascoaes

RENASCENÇA

(O ESPIRITO DA NOSSA RAÇA)

No meu livro "Marános„ e em alguns artigos publicados na primeira serie da "Aguia„, apresentei, creio eu, a verdadeira interpretação da *Saudade*, isto é, a verdadeira interpretação do *genio*, do *espirito*, da *alma portuguêsa.*

E' certo, porém, que tal cousa passou despercebida, o que revela tristemente a ignorancia em que os portuguêses vivem de si proprios. Fazem lembrar aquela mãe embecilisada a quem mostravam o filho perdido sem que ela o reconhecesse.

Mas é absolutamente preciso que essa *alma* seja revelada, para que Portugal cumpra o seu destino civilisador.

A alma da Raça é a *Saudade.* E que é a *Saudade?*

— Não me cansarei de affirmar que a *Saudade* é, em sua ultima e profunda analise, o *amor carnal espiritualisado pela Dôr ou o amor espiritual materialisado pelo Desejo; é o casamento do Beijo com* a *Lagrima; é Venus e a Virgem Maria n'uma só Mulher. E' a sintese do Céu e da Terra; o ponto onde todas as forças cosmicas se cruzam; o centro do Universo: a alma da Naturêsa dentro da alma humana e a alma do homem dentro da alma da Naturêsa.* A Saudade *é a personalidade eterna da nossa Raça;* a *fisionomia caracteristica, o corpo original com que ela ha de aparecer entre os outros Povos.* A Saudade *é a eterna Renascença, não realisada pelo artificio das Artes, como aconteceu na Italia, mas vivida, dia a dia, hora a hora, pelo instincto emotivo d'um Povo.* A Saudade *é a manhã de nevoeiro; a Primavera perpetua «a lêda e triste madrugada» do soneto de Camões. E' um estado de alma latente que amanhã será Consciencia e Civilisação Lusitana*...

E' claro, portanto, que a *alma portuguêsa* não é uma nuance de outras almas como falsamente tem sido afirmado, e até por altos espiritos como Oliveira Martins,—mas uma alma *caracteristica,* original e bela... E bela, sobre tudo!

A *Saudade* divide-se até hoje em dois grandes periodos que correspondem ás duas primeiras formas que todas as forças espirituaes adquirem no decorrer da sua evolução.

O primeiro periodo foi o *instinctivo* e *activo;* produziu Camões e Benardim, Vasco da Gama e Albuquerque. O segundo periodo, o actual, é o periodo *consciente* e *contemplativo,* em que, por assim dizer, a *alma portuguêsa* abre, pela primeira vez, os olhos sobre si propria; e está produzindo a mais admiravel das gerações poeticas.

O que é o prenuncio de que a *alma portuguêsa* vae entrar no

seu terceiro periodo que será *o periodo consciente e activo*, por isso mesmo que o *sonho* precede a *acção*.

E então, creará Portugal, no campo das realidades tangiveis, a sonhada e ardentemente desejada obra civilisadora.

Costuma dizer-se que sem corpo não ha alma; e com mais verdade se pode affirmar que sem alma não ha corpo. Portugal não caminhará para a frente sem se apoderar primeiro do seu espirito; distante d'ele, seria um corpo adormecido e parado.

Implantemos a *alma portuguêsa* na terra portuguêsa, para que Portugal exista como Patria, porque uma patria é de naturêsa puramente espiritual, e as unicas forças invenciveis são as forças do Espirito.

Um agregado de homens, por maior que seja, por mais que trabalhe materialmente, se não existir uma alma em actividade que seja propria a esses homens e os una n'uma comum e superior aspiração,—esse agregado de homens poderá ser uma bôa *Colonia* exemplar, mas jamais uma *Patria!*

Oh! a ingenuidade dos que se julgam *praticos, modernos*...

E sobre tudo, a ilusão em que vivem os que imaginam tocar a realidade das cousas! Confundem, na sua cegueira pretenciosa, *o que está perto* com o que *é real*, e desprezam estupidamente o que *é longe e eterno*, o que determina e prepara as cousas proximas e efémeras.

O *preconceito do senso pratico*, no sentido vulgar e universal, é um dos maiores males modernos, porque esterelisa o homem, redu-lo a um pobre automato, a uma pequena maquina banal que pratica acções mortas, inertes, como as outras, as de ferro, fazem calçado ou alfinetes.

E d'aqui nasce o marasmo cinzento, a amarela insipidez, a *morte* que ha na vida de hoje.

Sim, porque a vida humana, vivida fóra do espirito, diminue o homem, fá-lo descer alguns gráus na escala zoologica; fá-lo retrogradar, baixar á sombra originaria e siamesca.

Foi este *preconceito* que nos cortou as nossas antigas azas que eram velas brancas de Navios. E' ele o inimigo de toda a audacia fecunda, de todo o impeto heroico, de todo o gesto creador. E' o demonio tôrpe da má tentação.

Adoremos o espirito, o nosso belo espirito; implantemo-lo na nossa terra que é santa porque gerou a *Saudade*, como os desertos trovejantes da Palestina crearam Jéovah, e os viçosos, harmoniosos vales gregos crearam Orfeu e Apólo.

Fevereiro, 912.